

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O AEE PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS ENTRE ALUNOS SURDOS

Eixo 02 - Docência, inovação e investigação

Dameres Socorro Fontes de OLIVEIRA¹
Rebeca Socorro Fontes de OLIVEIRA²
Valéria Aparecida BARI³

RESUMO

A presente comunicação relata a observação em campo da prática da leitura literária por surdos, utilizando o recurso das histórias em quadrinhos. A pesquisa foi desenvolvida por equipe multidisciplinar do PLENA (Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa) e a coleta de dados atendeu a um conjunto de trabalhos de grau, se estabelecendo como ação inclusiva da Universidade Federal de Sergipe, monitorada pela equipe multidisciplinar do Departamento de Inclusão (DAIN). O conteúdo é voltado para a proposta de práticas de leitura literária no Atendimento Escolar Especializado (AEE), sejam as mesmas voltadas para o lazer ou para a satisfação de necessidades informacionais referentes aos conteúdos disciplinares dos programas escolares de nível médio e superior. Pretende discutir sobre a mediação de leitura para pessoas surdas por meio da utilização de adaptações literárias em quadrinhos, onde adotaremos o termo quadrinhizações. Como fundamentos teóricos, utiliza a defectologia de Vygotsky, assim como a sua teoria da mediação, posteriormente apropriada pelos teóricos da inter-relação da Educação e Comunicação. A metodologia utilizada foi a da pesquisa participante, também conhecida como pesquisa-ação. A análise dos dados coletados em campo demonstrou que a mediação de leitura literária com o recurso de quadrinhizações literárias para surdos é possível, viável e apresenta resultados rápidos. Também verifica variações de preferência de leitura entre surdos do sexo masculino e feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em Quadrinhos. Leitura Literária - Surdos. Atendimento Escolar Especializado – Surdos.

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 1981. Especialização em Deficiência Auditiva pela Faculdade Atlântico (FA) em 2009. É técnica em assuntos educacionais da UFS desde 1982. Membro do PLENA - Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa desde 2015. Endereço para acessar o Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/8252053424442816>>. E-mail: <dadasos@hotmail.com>.

² Graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 2016. Membro do PLENA - Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa desde 2015. Endereço para acessar o Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5343718730478002>>. E-mail: <rebequinha.o@hotmail.com>.

³ Líder do PLENA - Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa: Cultura, Mediação, Apresentação Gráfica, Editoração, Manifestações, desde novembro de 2015. Docente do Magistério Superior na Universidade Federal de Sergipe (UFS) desde abril de 2009. Possui Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP) em 2008. Endereço para acessar o Currículo Lattes de Valéria Aparecida Bari: <<http://lattes.cnpq.br/0106962520738975>>. Endereço para acessar o espelho do PLENA: <dgp.cnpq.br/dgp/espelho/grupo/4559993991971758> Endereço para acessar a tese de Doutorado: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/>>. E-mail: <valbari@gmail.com>.

ABSTRACT

The present communication reports the observation in the field of the practice of literary reading by the deaf, using the feature of comics. The research was developed by a multidisciplinary team from PLENA (Reading, Writing and Narrative Research Group) and the collection of data served a set of degree papers, establishing itself as an inclusive action of the Federal University of Sergipe (UFS), monitored by the multidisciplinary team of the Department of Inclusion (DAIN). The content is aimed at the proposal of literary reading practices in the Specialized School Attendance (AEE), whether they are intended for leisure or for the satisfaction of informational needs regarding the disciplinary contents of the middle and higher school programs. It intends to discuss the mediation of reading for deaf people through the use of literary comic adaptations. As theoretical foundations, he uses Vygotsky's defectology, as well as his theory of mediation, later appropriated by the interrelation theorists of Education and Communication. The methodology used was that of participant research, also known as action research. The analysis of the data collected in the field showed that mediation of literary reading with the use of literary schemes for the deaf is possible, feasible and presents fast results. The research verified the difference of reader preferences between deafs female and male.

KEYWORDS: Comics. Literary Reading - Deaf. Specialized School Attendance - Deaf.

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos desenvolvem a emoção na leitura, que preserva a brincadeira infantil e a rebeldia adolescente, fazendo aparecer leitores por toda a vida. Ou seja, a leitura do surdo vai chamar a atenção positivamente e poderá levá-lo a mediar também suas histórias em quadrinhos com amigos, colegas, irmãos, surdos ou ouvintes. A história em quadrinhos serve para formar novos leitores entre todas as pessoas, mas ainda não está utilizada para o caso da leitura dos surdos.

A história em quadrinhos possui essas propriedades, pois se constitui num gênero literário que tem o texto híbrido de imagem e texto, misturando as duas. A linguagem é esquemática, bem informativa e chamativa para o leitor, ouvinte e surdo. Além da leitura convidativa, a história em quadrinhos rapidamente aumenta a participação social entre os leitores, que se organizam em comunidade, trocam revistas e contam um para o outro. Para a socialização do surdo, compartilhar leitura é muito importante.

Além dessas virtudes, a linguagem da história em quadrinhos é muito antiga e já é universal, foi desenvolvida a partir do esquema de imagem da narrativa, juntando imagem e texto para escrever a mensagem. O texto não descreve a imagem e a imagem não ilustra o texto, os dois trabalham em conjunto para o significado. Por conta de suas propriedades leitoras, a história em quadrinhos evoluiu em sua relação com a escolarização. No Brasil, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), as histórias em quadrinhos, suas mídias e linguagens passaram a constituir recursos de aprendizagem.

A versão vigente da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) apresenta as histórias em Quadrinhos como uma fonte de leitura e um recurso pedagógico disponível para a proposta de mediação de diversos conteúdos para todos os alunos. As histórias em quadrinhos, aparecem na Educação Infantil inserido no *Campo de Experiências “Oralidade e Escrita”*, assim como na *Área de Conhecimento das Linguagens*, nos objetos de conhecimento e habilidades da Língua Portuguesa, inseridos nos eixos da Leitura e da Educação Literária nos níveis fundamental e médio.

Para o leitor surdo, a história em quadrinhos serve como esquema de leitura, que deixa mais fácil para compreender, auxiliando a apropriação do conteúdo da leitura, no convite a leitura e a curiosidade para novas leituras.

Segundo Bari (2015), a *leitura para o surdo não pode ser um mero exercício de fixação da língua, mas tem de ser praticado com prazer nos ambientes sociais onde convive* (2015, p. 131). Para o surdo, a propriedade mais importante na quadrinhização é que se pode acompanhar a passagem do tempo literário e a passagem de cenas, que temos muita dificuldade de perceber na leitura de texto puro, para entender a narrativa em tempo real, passado e presente e sua distinção do sonho e do pensamento dos personagens e do narrador. Por meio da quadrinhização, também se pode criar a sensação do passar do tempo na leitura, desenvolvendo no cérebro do leitor surdo conhecimento que auxilia em todo o tipo de leituras.

Então, associando fatores de acessibilidade, esquematização de conteúdos, prazer e gosto pela leitura e socialização, este estudo se insere dentro das propostas de utilização das Histórias em Quadrinhos como recurso mediador da Língua Portuguesa e Literatura, na situação do Atendimento Educacional Especializado (AEE), propiciando uma formação leitora que permita ao surdo uma leitura autônoma, a liberdade de buscar

informação e conhecimento e a possibilidade de concluir com êxito estudos técnicos e superiores em todas as áreas.

2 MEDIAÇÃO DE LEITURA E DEFECTOLOGIA DE VYGOTSKY

A teoria das mediações de Vygotsky explica que a forma como os adultos ou colegas mais experientes compartilham conhecimento com os mais jovens e ajudam a superar a zona de reconhecimento proximal é por meio da linguagem. Então, quanto maior o domínio da linguagem e a disposição de registros de conhecimento ou pessoas para conversar, mais conhecimentos são aprendidos. Então, a mediação sempre tem um elemento ambiental: onde se está, o que existe de recursos em cada ambiente. A mediação também tem um elemento de comportamento e hierarquia, na relação entre a pessoa que sabe mais e a que sabe menos: como podemos conversar, brincar, aprender, ensinar, obedecer ou mandar. A mediação também tem um elemento de afetividade: gostamos, não gostamos ou somos indiferente às pessoas com as quais podemos mediar conhecimentos. E, como fator dos mais importantes, é o de conhecer e ter domínio sobre a linguagem que está usando para a mediação, sua fala, seus registros e suportes.

Então, Vygotsky chegou à conclusão de que muitas crianças eram classificadas como deficientes mentais, quando na verdade tinham problemas de comunicação, de domínio da língua e da linguagem, e não conseguiam mediar os conhecimentos. Por isso, desenvolveu outro importante conceito, o da defectologia. Ele fez diversas pesquisas observando os problemas das crianças surdas-mudas, cegas, deficientes mentais para testar sua hipótese da mediação, com ênfase na educação social.

Segundo René Van der Verr e Jaan Vasliner (1996), os autores abordam as principais ideias de Vygotsky no desenvolvimento da defectologia, que propõe a educação e o desenvolvimento que vence as barreiras do diálogo, dando à escola mais responsabilidade pela inclusão destas crianças nos anos 1920. Mesmo provando muitas de suas ideias, Vygotsky não foi muito bem recebido, pois a sociedade preferia acreditar que as deficiências eram castigo divino e as pessoas deficientes dignas de pena ou caridade, não de oportunidades. A religiosidade deu mais peso ao preconceito do que à solução e levamos quase um século para considerar seriamente a inclusão escolar e social prevista por Vygotsky.

Na verdade, Vygotsky buscou além do desenvolvimento e da educação das crianças “anormais”, “defeituosas”, termos este utilizado como padrão para os estudiosos da época, o sentido da cidadania para todos, seria um termo tão presente para a contemporaneidade e tão utópico para a sociedade da época, na medida em que: *Participando da vida social em todos os seus aspectos, as crianças iriam, em um sentido metafórico, superar sua cegueira e sua surdez* (VYGOTSKY, *apud* VEER; VALSINER, 1996, p. 76).

Os pesquisadores Veer e Valsiner destacam em sua obra o quanto o autor defendia a experimentação da educação conjunta entre estudantes com diferentes necessidades especiais e que a compensação de superar as dificuldades estava vinculada a questões do desenvolvimento como um percurso tortuoso, nos caminhos indiretos que podem ser criados pela cultura quando o caminho direto está impedido. Então, o conceito de Compensação é essa forma de resolver as coisas de uma forma diferente, utilizando os recursos que o ambiente oferece, o comportamento permite, a hierarquia apoia e a afetividade torna possível. É muito parecido com o conceito de “jeitinho brasileiro”, só que é para coisas do bem.

O desenvolvimento cultural seria, assim, a principal oportunidade que é possível compensar a deficiência com o treinamento especial, porque a falta de um órgão ou de um sentido do corpo pode ser compensado pela cooperação com outras pessoas e com o uso da linguagem, caminhando para temas atuais de inclusão social e cidadania.

Neste sentido, a questão da deficiência questionada por Vygotsky quando pontua que ela não é deficiência para quem a possui, e de maneira inteligente aborda que se trata de uma característica ou limitação biológica que não deve e nem pode ser estendida para o meio social, ou seja:

[...] todas as deficiências corporais afetam antes de tudo as relações sociais das crianças e não suas interações diretas com o ambiente físico. [...] Portanto, na visão de Vygotsky, era o problema social resultante de uma deficiência física que deveria ser considerado como o problema principal [...] A partir dessas premissas, Vygotsky raciocinou que a educação baseada na compensação social dos problemas físico, era a única maneira de proporcionar uma vida satisfatória para as crianças “defeituosas”. (DER VEER; VALSINER, 1996, p 74-75).

São estes espaços sociais que contribuem diretamente para a educação de todas as pessoas e as inserem neste contexto de maneira que direciona o verdadeiro valor da

cidadania composta por inúmeras falas, inúmeras vozes e rompe o silêncio do preconceito e da exclusão social.

3 O ATENDIMENTO ESCOLAR ESPECIALIZADO E A FORMAÇÃO DO ALUNO SURDO COMO LEITOR LITERÁRIO

Passados dez anos da oficialização da Libras⁴, o Brasil já logrou o mérito de aumentar significativamente o número de surdos ingressando na Educação Formal em todos os níveis, proporcionada a eles também a oportunidade do exercício de docência. Sob o paradigma da Educação Bilíngue e com a presença cada vez mais frequente dos tradutores de Libras nos ambientes educacionais de diferentes níveis, o seguimento estudantil surdo vai conquistando espaços antes inexpugnáveis de educação e fruição intelectual. Contudo, ainda são praticamente indisponíveis nos ambientes educacionais da Educação Básica os materiais bibliográficos adaptados, assim como a instalação plena da Biblioteca Escolar, como obriga a legislação (Lei nº 12.244/2010).

O AEE então deveria ser desenvolvido por meio de uma sala de recursos multifuncionais devidamente equipada e também por outros equipamentos que deveriam estar presentes em todas as unidades escolares, como a Biblioteca Escolar, os Laboratórios de Ciências Naturais, as Salas de Música, Auditórios, Quadras Esportivas. Na verdade, o que se possui efetivamente são equipamentos voltados para atividades com deficientes mentais e visuais, sob a suposição de que alunos com perda auditiva parcial ou total não necessitem de materiais diversificados, ou mesmo que os educadores podem proceder às alterações necessárias e criar materiais próprios com seus recursos domésticos.

As consequências mais graves, principalmente em relação à formação de leitora do surdo, é que a literatura se torna impraticável e que é substituída por resumos, com a finalidade de preparar o estudante para exames de ingresso ao nível técnico ou superior, sem que o mesmo possa viver a experiência da literatura.

Em momento algum desvalorizaremos nesse trabalho o recurso das adaptações

⁴ Língua Brasileira de Sinais, é a primeira língua dos surdos nascidos no Brasil. Muito embora tenha muitas características originárias da França, se constitui numa língua própria e também abarca modo de vida e regionalismos.

filmicas, que são essenciais à apropriação dos conteúdos complexos da literatura para os surdos. Porém, partindo do pressuposto de que as habilidades leitoras também se refletem na apropriação da língua falada e da escrita, o uso de resumos e filmes tira do aluno surdo a oportunidade presente e futura de produzir textos que movam emocionalmente as pessoas, ou que lhes transmitam conceitos complexos em Língua Portuguesa. No caso da oralização, também existe uma série de dificuldades do surdo em apropriar o uso de partículas da língua que não fazem sentido em Libras.

A opção da utilização de quadrinhizações⁵ literárias para a mediação de leitura literária já é considerada uma estratégia válida de formação de leitores entre ouvintes brasileiros em geral, desde o final do século XIX (BARI, 2015). O uso das mesmas como um recurso do AEE pode representar um salto qualitativo na metodologia, cujos resultados vão repercutir na aprendizagem da Língua Portuguesa falada e escrita e na compreensão de outras modalidades de leitura.

Por essa razão, após um estudo preparatório desenvolvido na disciplina “História em Quadrinhos e Formação do Leitor”⁶, foi projetado um estudo de campo, compreendendo estudantes de nível médio e superior, para verificar como funcionaria a mediação da leitura literária por meio do recurso das quadrinhizações.

4 A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA COM OS QUADRINHOS: ESTUDO DE CAMPO

A metodologia utilizada foi a da pesquisa participante, também conhecida como pesquisa-ação. A primeira etapa, para começar a entender melhor o tema e o objeto, foi a pesquisa bibliográfica, onde se encontrou a base teórica do tema e também resultados de outros estudos sobre a leitura dos surdos. A segunda etapa foi a coleta de dados e observação planejada, com pesquisa participante, individual e em campo, sendo que “não há necessidade de amostragem extensa, visto que, nesses casos, normalmente, os estudos são realizados com amostras pequenas de indivíduos” (SILVERMAN, 2009, p. 63). O método de levantamento de coleta de dados foi cunho qualitativo, com

⁵ O termo quadrinhização, assim como o termo quadrinhistas, são corretos e adotados por diversos especialistas no Brasil. Mais recente, o termo quadrinização tem sido adotado em pesquisas mais recentes, sem que se anule a correção do termo de opção dessa comunicação científica.

⁶ A Disciplina é componente curricular da graduação em Biblioteconomia e Documentação, ofertado pelo Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe (DCI/UFSE).

experimentos de observação de leitura de surdos, com uso das quadrinhizações literárias como fonte e entrevista individual estruturada com questões abertas. Quando a participação na pesquisa é exigente, ou por razões éticas, o tema abordado for delicado, *cabe ao pesquisador apelar para uma amostra de voluntários* (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 170). Essa situação gerou o tipo da amostra não-probabilista que compõe a pesquisa, na qual precisa recrutar e convencer cada pessoa do grupo a participar.

Para que a atividade de mediação se tornasse viável, foi preparada uma ficha de leitura para cada quadrinhização oferecida aos surdos. Com a ajuda da ficha de leitura, as obras já estavam com a indicação do nível de dificuldade, tinham um texto de apresentação, uma resenha, o vocabulário mais difícil em formato de glossário. Então, a decisão do surdo foi muito importante e individual, na hora de escolher a quadrinhização que iria utilizar para a atividade (tabela 1).

Tabela 1: Quadrinhizações literárias, preferências e sucesso dos surdos na atividade leitora

HQ	Mulher Surda	Homem Surdo	Sucesso	Fracasso	Total
O corvo	-	-	-	-	-
A mão e a luva	2	-	-	2	2
Dom Quixote I	-	-	-	-	-
Dom Quixote II	-	-	-	-	-
Auto da Barca	1	-	1	-	2
Amor de Ivan	-	-	-	-	-
Frankenstein	2	1	1	2	4
Odisseia	1	1	1	1	2
A Divina Comédia	-	1	1	-	2
Macunaíma	-	-	-	-	-
Demônios	-	3	2	1	3
Lusíadas	-	1	1	-	-
Conto de Escola	3	2	3	2	5

Ijuca Pirama	2	1	3	-	3
Total	11	10	13	8	21

Fonte: Sondagens de campo tabuladas: Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

Também, ao final da atividade, os surdos descreveram em suas respostas se tinham conseguido compreender o conteúdo, aprender palavras e sinais novos ou sentido emoção na leitura. Quando as respostas foram positivas, consideramos a atividade um sucesso. Quando os surdos não conseguiram usufruir da leitura com entendimento, compreensão e emoção, foi contabilizado o fracasso da atividade.

Ao final das Vivências, foi possível ver que as preferências variaram entre mulheres e homens. As mulheres buscaram as histórias mais românticas ou infantis e os homens se arriscaram mais, o que confirma o perfil leitor mais desenvolvido, como apareceu na análise da pesquisa de opinião. Também percebemos que a atividade foi interessante para todos e que poderia ser aplicada diversas vezes, ou como apoio em disciplinas que tratam da literatura, como exercício de leitura.

Em geral, surdos e ouvintes tiveram muita empolgação e acharam o material muito bonito. Foram escolhidas revistas em formato A4, com impressão em quatro cores, que pertencem à coleção *Clássicos em HQ* da Editora Peirópolis. Somente havia uma revista que utiliza preto-e-branco, mas a sua presença foi muito importante no momento da observação, pois nos confirmou um dado aprendido na disciplina “História em Quadrinhos e Formação do Leitor”.

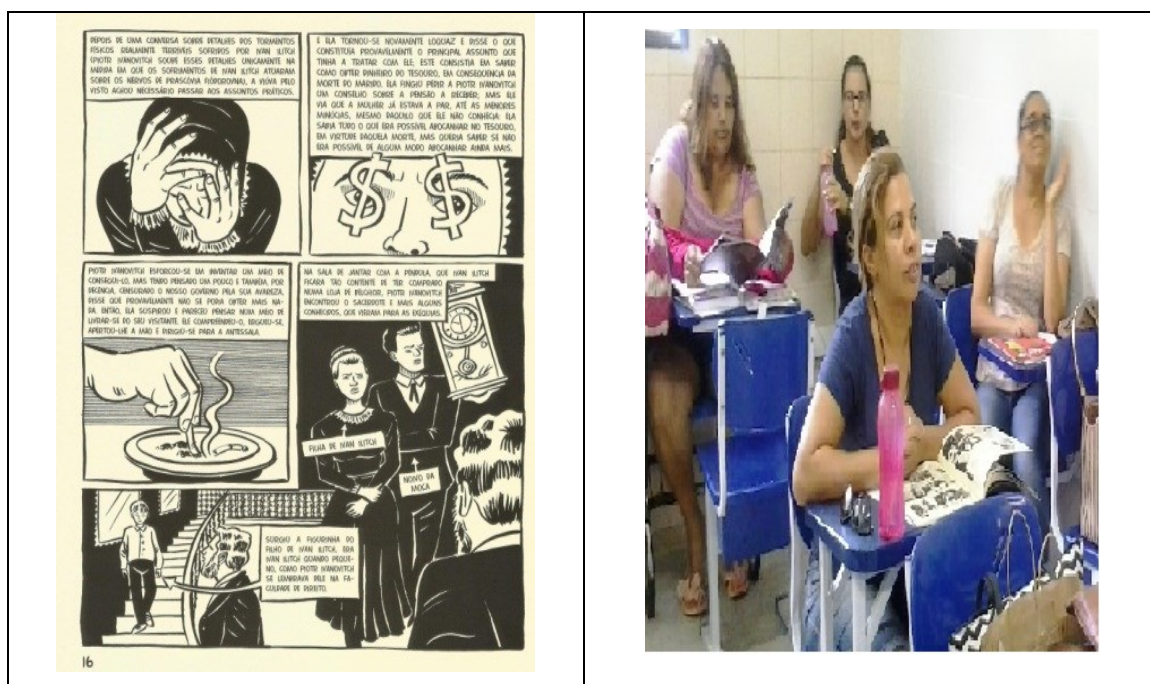
Em geral, tiveram muita empolgação e acharam o material muito bonito. São revistas em formato A4, com impressão em quatro cores. Somente tem uma revista que utiliza preto-e-branco, mas a sua presença foi muito importante no momento da observação, pois nos confirmou um dado aprendido na disciplina “História em Quadrinhos e Formação do Leitor”.

O pesquisador e quadrinhista Scott McCloud, que é um dos referenciais teóricos da referida disciplina, afirma que a arte das HQs deve ser esquemática, para que seja mais fácil de compreender cada vinheta. Deve ser obedecido um padrão e as cores tem de ser dosadas, mas é melhor se a arte for em preto-e-branco e o esquema de desenho dos personagens simplificado. Também é melhor se o quadrinhista seguir um padrão que facilite ao leitor saber onde começa e acaba cada vinheta (McCLOUD,

2008, *passim*). Então, os próprios surdos, ao examinar as revistas, declararam que A Morte de Ivan Ilich (CAETO, 2014) era a quadrinhização mais fácil de ler, mas era “muito grossa” (figura 1). Então, folheavam animados e a examinavam, mesmo após o final do exercício que faziam com outra revista. Perguntaram por que todas não eram feitas assim, já que facilitava a leitura. O fato de ser maior que as outras quadrinhizações atrapalhou a escolha, pois os surdos nunca haviam feito a atividade e ficaram com receio de não conseguirem examinar o material direito em 60 minutos de leitura.

A leitura preferida por todos foi a quadrinhização do *Conto de Escola*, de Machado de Assis com adaptação de Silvino. Muito bonito e bem esquemático, a história é interessante e bem adaptada. Algumas pessoas tiveram dificuldade de fazer o seu resumo, mas conseguiram sentir a emoção do menino que aceita o suborno do colega para ajudar na lição. O sentimento da saudade do tempo da escola e das brincadeiras de infância foram lembrados. Os leitores surdos e ouvintes também comentaram com muito carinho as brincadeiras de criança. Essa revista foi e de melhor efeito na mediação da leitura literária, pois a situação que Machado de Assis conta é parte da infância de todos.

Figura 1: Páginas da Quadrinhização Literária “A Morte de Ivan Ilich” de Caeto.



Fontes: (CAETO, 2014, p. 16); Registro fotográfico de Rebeca Socorro Fontes de Oliveira (2017)

O sucesso e o fracasso fizeram parte da avaliação da atividade, pois sabíamos que os voluntários teriam dificuldades de leitura. É exatamente essa a situação que justificou toda a pesquisa desenvolvida. Assim, trabalhamos os dados em formato de gráfico, para ficar visível a realidade do resultado. Segundo os dados tabulados e os gráficos estão mostrando, metade dos surdos que voluntariamente participaram do experimento conseguiram atingir o sucesso na atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados observados na pesquisa de campo nos levam a concluir que as quadrinhizações são recursos viáveis na mediação de leitura literária para surdos, mas igualmente poderiam ser aplicados para os estudantes ouvintes. De fato, pudemos constatar que quadrinhização literária possui propriedades universais de mediação de leitura.

Também foi possível a reflexão de que a fragilidade na formação leitora dos surdos também é derivada da ausência de Bibliotecas Escolares adequadamente equipadas. Ou seja, com acervos que contemplem os gostos leitores e que tenham várias formas de manifestação, a partir de um mesmo texto-fonte: adaptações literárias tradicionais, quadrinhizações, filmográficas, áudio-livros, jogos baseados em obras literárias, etc.

A presença dos tradutores de Libras foi essencial à aplicação da pesquisa de campo, que se descortinou no ambiente universitário. Mas, temos o receio de que as dificuldades seriam muito maiores no caso de uma atividade doméstica, pela ausência de pessoas que possam dirimir as dificuldades de leitura. Nesse sentido, a utilização das histórias em quadrinhos é também uma estratégia de levar a leitura ao lar, já que várias pessoas da família podem se interessar, apoiar a leitura e também discutir sobre ela. A linguagem dos quadrinhos é chamativa e acessível para pessoas com diversos níveis de letramento, o que facilita a socialização e o compartilhamento dessas leituras.

Durante a observação em campo, tivemos evidências de que a leitura literária com as quadrinhizações facilita a interpretação do texto e a obtenção de vocabulário (palavras novas, que as vezes não tem sinal em Libras e precisamos aprender como se usam e o que significam). Conseguimos, nos breves momentos da

vivência, despertar a curiosidade e o interesse pela leitura que não seja só para estudar ou utilizar, mas para passar tempo livre também, formando gosto e hábito.

Assim, concluímos que as histórias em quadrinhos, em especial as adaptações literárias, podem contribuir de forma muito abrangente nas atividades de mediação de leitura literária, sendo um recurso viável e acessível para equipar a escola e prepara-la para a AEE.

REFERÊNCIAS

ABU, Ângelo; DAN X. **Macunaíma em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

BAGNARIOL, Piero; BAGNARIOL, Giuseppe. **A Divina Comédia em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2011.

BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro; BAGNARIOL, Piero. **Odisseia de Homero em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2013. (Clássicos em HQ)

BARI, Valéria Aparecida. A quadrinhização como recurso de mediação da leitura literária do surdo. In: MODENESI, Thiago Vasconcelos (org.) ; BRAGA JÚNIOR, Amaro X (org.). **Quadrinhos e educação: procedimentos didáticos**. Jabotão dos Guararapes: SOCEC, 2015. p. 123-144. (Quadrinhos & Educação, v. 2)

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu**. 2008. 248 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/pt-br.php>>. Acesso em 25/06/2016.

BARI, Valéria Aparecida; VERGUEIRO, Waldomiro. Emoção e Rebeldia: Formação de Gibitecas na Biblioteca Escolar. XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social. CBBB 2011. **Anais eletrônicos ...** Maceió: UFAL, 2011. Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/552/689>> Acesso em 10/07/2014.

BORGES, Renata Farhat. **Clássicos em HQ**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

BORGES, Taisa. **Frankenstein em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2012. (Clássicos em HQ)

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: Jun. 2017.

BRASIL, Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Explanada dos Ministérios, 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 08 de agosto de 2015.

BRASIL, Casa Civil. **Estatuto da Pessoa com Deficiência** (Lei nº 13.146). Brasília: Explanada dos Ministérios, 06 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em 08 de agosto de 2015.

BRASIL, Casa Civil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº 9.394). Brasília: Explanada dos Ministérios, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 13 de junho de 2016.

BRASIL, Casa Civil. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** (Lei nº 10.436). Brasília: Explanada dos Ministérios, 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em 13 de junho de 2016.

BRASIL, Casa Civil. **Plano Nacional de Educação - PNE** (Lei nº 13.005). Brasília: Explanada dos Ministérios, 25 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>. Acesso em 08 de agosto de 2015.

BRASIL, Casa Civil. **Regulamentação da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** (Decreto nº 5.626). Brasília: Explanada dos Ministérios, 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 13 de junho de 2016.

CAETO. **A morte de Ivan Ilitch em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2014. (Clássicos em HQ)

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos, linguagem e semiótica: um estudo abrangente da arte sequencial**. São Paulo, Criativo, 2016.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusóe no Brasil**. (Tese de Doutorado em Letras) Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, setembro de 2006.

- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.
- DORZIAT, ANA (org). **Estudos surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- FERREIRA, Laudo; VIÑOLE, Omar. **Auto da Barca do Inferno em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2011.
- GALHARDO, Caco. **Dom Quixote em quadrinhos volume 2**. São Paulo: Peirópolis, 2013. (Clássicos em HQ)
- GALHARDO, Caco. **Dom Quixote em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2005. (Clássicos em HQ)
- GUAZZELLI, Eloar. **Demônios em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2010. (Clássicos em HQ).
- IRRTHUM, Luciano. **O corvo em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2009. (Clássicos em HQ)
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- MASTROBERTI, Paula. Adaptação, versão ou criação? Mediações de leitura literária para jovens e crianças. **Revista Semioses**. Rio de Janeiro: Centro Universitário Augusto Mota (UNISUAM), vol. 01. Número 08, fev. de 2011. p.104-112.
- MCCLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos: os segredos das narrativas de quadrinhos, mangás e graphic novels**. São Paulo: M. Books, 2008.
- MENDONÇA, Márcia. **Ciência em Quadrinhos: imagem e texto em cartilhas educativas**. Recife: Bargaço, 2010. (Coleção Teses)
- MIR, Alex; GENARO, Alex. **A Mão e a Luva em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2013. (Clássicos em HQ)
- NESTI, Fido. **Os Lusíadas em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2006. (Clássicos em HQ)
- SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SILVINO. **Conto de Escola em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2012.

(Clássicos em HQ).

SILVINO. **I-Juca Pirama em quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2012. (Clássicos em HQ).

SOUZA, Solange Jobin e. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 10 ed. Campinas: Papirus, 2006. 173 p.

VEER, René Van Der; VALSINER, Jaan. **Vygotsky: uma síntese**. Tradução Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Loyola, 1996.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Ângela (org.) ; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 7-29.